

LUÍS FRÓIS, UM CRONISTA DO SÉCULO XVI NO JAPÃO



HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA

DR. LUÍS MIGUEL CAROLINO

11.10.2023

TIAGO DINIS LEITE COUTO MARQUES

Nº 99092

Índice

Introdução	1
Luís Fróis	2
Europa e Japão: separados pelas suas idiossincrasias?	3
Homens	4
Mulheres	6
Religiosos	8
Conclusão	11

Introdução

O presente trabalho é sobre Luís Fróis, um cronista do século XVI no Japão, relativo à disciplina de História da Expansão Portuguesa, do Curso de História Moderna e Contemporânea, mais concretamente sobre as diferenças de costumes entre a Europa e o Japão.

O objetivo é responder à pergunta-chave “Europa e Japão: separados pelas suas idiossincrasias?”.

A fonte primária é: Fróis, Luís, *Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão* (edição de Rui Manuel Loureiro), Lisboa, Livros de Bordo, 2019.

A razão da minha escolha reside no meu interesse pessoal pela História do Japão, nomeadamente tradições milenares e cultura pop.

Luís Fróis

Luís Fróis nasceu em Lisboa, no ano de 1532.

Em 1548, com apenas dezasseis anos de idade, tornou-se membro da Companhia de Jesus. Frequentou o recém-criado Colégio de São Paulo em Goa e continuou os seus estudos em Malaca.

Em 1562, Luís Fróis abandonou definitivamente a Índia, com destino às missões jesuítas da Ásia mais oriental.

Em julho de 1563, aportou a Omura, na ilha japonesa de Kyushu, e não mais abandonaria o Japão.

Foi um dos elementos fundamentais da missão cristã na implementação do método de acomodação cultural (processo de passagem, transferência, integração de elementos culturais portugueses), tendo sido um dos interlocutores com a elite militar nipónica, designadamente Oda Nobunaga, o primeiro dos três unificadores do Japão.

Nobunaga tinha uma boa relação com Luís Fróis – um grande interesse na cultura europeia e a esperança que o auxiliasse no combate contra seitas budistas que travavam a sua ascensão ao poder. Esta “aliança” não se formou, mas o mútuo interesse permaneceu.

Em 1585, depois de mais de duas décadas passadas na Terra do Sol Nascente, o missionário português terminaria de escrever o *Tratado*, uma obra de valor intrínseco enquanto documento único sobre a Europa e o Japão, na qual Luís Fróis elabora dois retratos paralelos de civilizações cultural e geograficamente muito distintas.

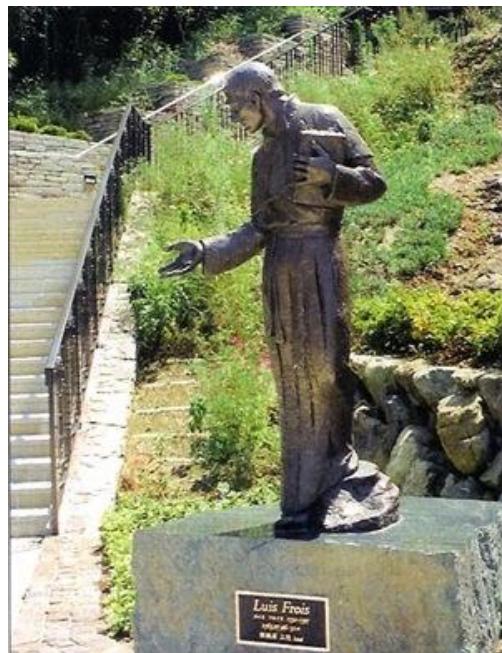
Morreu no Colégio de São Paulo em Nagasaki, a 8 de julho de 1597.



Europa e Japão: separados pelas suas idiossincrasias?

«O padre Fróis era um verdadeiro antropólogo do tempo ao descrever diferenças físicas, intrinsecamente ligadas ao espaço e ao clima próprios da Ásia.»

Ismael C. Vieira



“O Tratado apresentava os hábitos e as idiossincrasias dos japoneses, facilitando, pela comparação com a Europa, a criação de um sistema de referências. Apesar da riqueza antropológica da descrição do Japão no século XVI, a obra circulou apenas num grupo restrito da Companhia de Jesus e a publicação esteve inédita até meio do século XX, quando o manuscrito foi, pela primeira vez, encontrado na Real Academia da la Historia em Madrid.” in contracapa da edição «Livros de Bordo»

A obra retrata comparativamente (com mais de 600 exemplos) os usos e costumes, bem como as idiossincrasias (do grego *idiosygrasía*, «constituição própria») dos portugueses e dos japoneses, que o autor considera igualmente “civilizados”. O documento histórico apresenta, assim, um cariz (proto-)etnográfico. A etnografia está na base da etnologia e da antropologia. Constitui a primeira fase da investigação antropológica, conseguida mediante a recolha de dados e a descrição da cultura.

Homens



Segundo o cronista, os homens europeus eram na sua maioria de boa estatura, tinham os olhos grandes e os narizes altos, por vezes aquilinos. Os homens japoneses possuíam uma configuração física completamente diferente: de menor altura, os seus olhos fechados e os narizes baixos com ventas pequenas. Os europeus consideravam os olhos grandes esteticamente formosos, já os japoneses “horrendos”. Não era estranho ver um europeu com “olhos brancos”, isto é, o branco abaixo da íris. Entretanto, nos japoneses era algo raro e, também, “monstruoso” (p. 23).

Se as teorias científicas da atualidade explicam essa raridade como resultado de uma adaptação evolutiva dos mongolóides, a estranheza com que os japoneses viam os olhos brancos carece, ainda, de uma explicação racional. Ora, isto leva-nos a entrar forçosamente no campo da superstição, mais concretamente a falar dos *Olhos Sanpaku*. *Sanpaku* (三白) ou *Sanpaku gan* (三白眼) são termos japoneses que significam “três brancos”. Trata-se de uma característica presente em algumas pessoas onde o branco dos olhos pode ser visto acima ou abaixo da íris. No Japão, existe a crença de que este tipo de olhos pode interferir no destino de um indivíduo.

Na época, para os europeus, “trazer o vestido pintado se teria por leviandade e zombaria”. Entre os japoneses, todos se vestiam de forma colorida, “excepto bonzos e velhos rapados” (p. 25).

Em Portugal, as calças coloridas eram proibidas a elementos do clero, que se vestia de branco, símbolo da paz, da espiritualidade, da inocência e da virgindade. Para um europeu, a extravagância de um indivíduo também se media pela cor da sua roupa. Por exemplo, as calças de escarlata restringiam-se ao rei e à nobreza.

Luís Fróis denuncia subtilmente nas suas palavras juízos de valor: “Nossos vestidos são justos, estreitos e apertados no corpo; os de Japão tão largos que com facilidade e sem pejo se despem logo da cinta pera riba.” (p. 26).

No Japão, e à medida que o uso de *quimonos* em camadas tornou-se tendência, os japoneses desenvolveram uma sensibilidade para colorir. Durante o Período Kamakura, compreendido entre o ano de 1185 até 1333, e o Período Muromachi, entre o ano de 1336 até 1573, homens e mulheres usavam quimonos coloridos luminosamente. Os guerreiros vestiam as cores que representavam os seus líderes e, às vezes, o campo de batalha estava tão enfeitado quanto um desfile de moda. As combinações de cores representavam a estação do ano ou a classe política à qual pertenciam.

O atual significado da palavra *kimono* tem origem no século XVI, quando navegantes ocidentais – principalmente portugueses, espanhóis e holandeses – chegaram ao arquipélago. Nos primeiros contactos com os japoneses, sem conhecerem os idiomas de uns e de outros, os ocidentais perguntavam com mímicas e gestos qual era o nome das roupas de seda que viam os japoneses usarem, e os nipónicos respondiam *kimono*. Era como alguém perguntar a um japonês: “Como se chama a sua roupa?” E o japonês responder: “Roupa”. Foi assim que a palavra *kimono* tornou-se designação moderna do vestuário tradicional.

As espadas europeias tinham conteiras, cabos e maçãs (p. 29). As *catanas* possuíam uma aparência distintiva: lâmina curva, de um único fio com um protetor circular ou esquadrado, e um cabo longo.



Mulheres



As mulheres europeias usavam beatilhas ou volantes para cobrir a cabeça. As mulheres nipónicas punham um *vataboxi* de borra ou um pedaço de pano branco debaixo do manto (p. 36).

Enquanto as japonesas usavam ocasionalmente cabeleiras, as europeias raramente se viam com perucas, pois na maior parte das vezes os cabelos estavam cobertos. As cabeleiras usadas pelas japonesas vinham da China, onde eram muito populares entre as mulheres chinesas. Com a abertura comercial ao mercado ocidental no Período Meiji, entre o ano de 1868 até 1912, os vários tipos de chapéus ocidentais transformaram-se em moda. Todavia, o casamento tradicional japonês ainda requer um *tsunokakushi* para a mulher, que serve para ocultar os “chifres de ciúme, ego e egoísmo” da noiva, assim como simboliza a decisão desta de se tornar uma esposa gentil e obediente.

Na Europa a regra de etiqueta ditava que os homens deviam ir à frente e as mulheres atrás; no Japão, era o contrário (p. 39).

Na Europa não era frequente o aborto. No Japão era comum, “há mulher que aborta vinte vezes” (p. 39).

De forma a compreendermos melhor esta última diferença constatada entre as duas realidades, nipónica e europeia, precisamos inevitavelmente de recontextualizar-nos no tempo. Estávamos em pleno Período Azuchi-Momoyama, compreendido entre o ano de 1573 até 1603, uma época marcada pela unificação do Japão através dos esforços conjuntos de Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi.

Como todos sabemos, onde existe guerra, existe pobreza. Numa carta escrita em 1565, ainda durante o Período Sengoku – ou período de guerras internas – Luís Fróis referia a prática dos abortos e infanticídios e adiantava uma possível explicação: «e com serem pela mor parte pobres [...], e daqui lhes nasceu aquele cruel costume, entre eles havido por misericórdia, que se são pobres, & vão tendo muitos filhos, em nascendo-lhe, põe-lhe o pé no pescoço, & matam-nos, especialmente as filhas» (CE, I, 20 fev. 1565, fl. 172v); mais tarde, «cousa muito corrente em Iapão na gente pobre, que não pode sostentar os filhos» (CE, II, 31 Outubro 1582, fl.52. Ap.D – Carta 39).

A posição do jesuíta relativamente ao hábito tradicional japonês de infanticídio é deixada clara ao criticá-lo contundentemente, relacionando a oposição que a Companhia de Jesus fez a este costume com o aumento populacional na cidade de Nagasaki, um reduto da congregação e dos mercadores portugueses:

“E como vossa Paternidade já deue saber, he cousa uniuersal em Iapão entre os gentios, assi por pobreza, como pólo antigo costume que o demónio lhes persuadio no criar dos filhos que lhes nacem, mais que os que boamente se atreuem a sostentar, pólo qual são os abortos inumeraveis, & muitas as crianças que matão em nacendo, cousa de grandíssima lastima, & porque neste lugar todos são Christãos, não se permite viuer nelle algum que o não seja, & assi viuendo como taes, seus filhos se vão multiplicando & conseruando com grande excesso dos lugares de gentios, porque os não matão, & são todos de raras habilidades.” (CE, II ,1 outubro 1585, fl.129. Ap.D – Carta 48. 962)

Na Europa do século XVI, especificamente em Portugal, o cenário era mais complexo. A Igreja, que se mantinha no controlo da moralidade conjugal, começou a ser substituída, no policiamento dos casais e da sexualidade, pelo Estado. Este orientava-se pelo mesmo sentido de um reforço da disciplina sexual, começando por criminalizar o infanticídio e o aborto, e associando estas práticas sobretudo às mulheres solteiras que não respeitavam a imposição moral da virgindade pré-matrimonial no feminino. Muito antes, em 1556, Henrique II de França procurou acabar com os abortos, bem como com os infanticídios, ao ordenar que as mulheres solteiras declarassem publicamente as suas gravidezes.

Religiosos



O processo de cristianização no Japão teve início em 1549 quando o missionário jesuíta, Francisco Xavier, chegou a Kagoshima acompanhado de um jovem samurai, Ansei Yajiro, que se converteu ao catolicismo e recebeu o nome cristão Paulo de Santa Fé, e de dois outros padres: o espanhol Cosme de Torres e o português João Fernandes. Acolhido pela família de Yajiro, o grupo deu início às primeiras conversões, desagradando os monges budistas que expulsaram os missionários de Kagoshima. Embora revolucionária, a missão cristã no Japão, empreendida pelos jesuítas portugueses, entre eles Luís Fróis, não teve grandes resultados, tanto que em 1552, quando Francisco Xavier deixou a Terra do Sol Nascente para pregar o Evangelho na China, havia no país, aproximadamente, dois mil cristãos.

De acordo com o relato de Luís Fróis, os religiosos europeus aderiam à religião para expiar os seus pecados, professar o voto de pobreza e “por devoção e movimento interior da virtude”. Os bonzos entravam pela riqueza e glória, para “viver em delícias e descanso e fugir aos trabalhos”, para procurar maneiras de enriquecer enquanto esfolavam os *dannas* e “herdar o fato”, isto é, o conjunto de haveres, uns dos outros (pp. 51-53).

Os religiosos europeus “professam um só Deus, uma fé, um batismo e uma Igreja Católica”. Os budistas têm treze seitas diferentes “e quase todas discrepam no culto e adoração” (p. 55).

De facto, se na Europa do século XVI se praticava unicamente o catolicismo, que seguia uma doutrina monoteísta, e frequentava-se uma igreja universal – a Igreja Católica Romana –, no Japão prestava-se culto a vários deuses e aderia-se a mais do que uma seita. O budismo japonês tem a particularidade de se basear nas teorias filosóficas propostas pelas seitas de *mahāyāna*, o que o diferenciava do budismo praticado no restante continente asiático, quer no que diz respeito às teorias quer relativamente ao modo de representação das divindades. As suas representações revelam em grande parte a tradição do budismo esotérico a partir do século IX. A maior parte daquelas encontram-se agrupadas em duas grandes *mandalas* da seita *shingon* e pertencem à tradição do budismo antigo, isto é, anterior ao século IX, nas quais se encontram já alguns elementos esotéricos.

Entretanto, consta-se que a entrada do budismo no Japão no século VI (538 ou 556), por via coreana, não teve imediata e total adesão. Se alguns clãs aderiram ao budismo, outros opuseram-se veementemente e foram assim criados dois partidos que encetaram uma série de querelas, provocando o enfraquecimento de um país já de si debilitado pelas lutas internas. Assim, de um lado estava o clã Nakatomi, defensor da religião tradicional – xintoísmo – ao qual pertenciam os sacerdotes da corte. Do outro lado perfilavam-se os defensores do budismo encabeçados pelo primeiro-ministro Iname, pertencente ao clã dos Soga. As lutas só terminariam em 587 com a destruição dos clãs defensores da tradição *shinto*, tendo a Corte sido convertida ao budismo, cujo maior impulsionador foi o filho do imperador Yōmei, Shōtoku Taishi, ao recomendar na sua Constituição a veneração de Buda, a lei búdica (*Dharma*) e as comunidades de monges.

Ao longo do tempo verificou-se uma conversão generalizada dos japoneses à nova religião e com ela o nascimento de seitas, principalmente em Nara, a partir do início do século VIII, sendo efetivamente essa a realidade encontrada pelos jesuítas da Companhia de Jesus séculos mais tarde e relatada por Luís Fróis.

Na Europa, os defuntos eram enterrados. Na Terra do Sol Nascente, “pela maior parte os queimam” (p.62). Até aos dias de hoje, estas são tradições que se mantêm e que, no caso nipónico, justifica uma análise aprofundada.

No Japão, a cremação é uma prática realizada e aceite por cerca de 98% dos japoneses (Jupp, P.C., *Encyclopédia da Morte e da Arte de Morrer*, 2001). Com influência budista, esta tradição foi trazida da China, a partir de 552 d.C.

Em 1867, foi promulgada uma lei que tornava a cremação obrigatória para as pessoas que morressem de doenças contagiosas com o objetivo de controlar eventuais epidemias. Isso contribuiu para que a cremação fosse difundida e aceite por todas as religiões no Japão. Apenas 1 a 3 milhões de japoneses são cristãos, aproximadamente 2% da população japonesa. A maioria segue o budismo e xintoísmo e ambas as religiões consideram abominável, profano e vergonhoso a ideia de um corpo humano entrar em decomposição. Para se ter uma noção, antigamente somente pessoas condenadas à morte eram sepultadas sem cremação.

Modos à mesa

Luís Fróis afirma que os europeus comiam “todas as coisas com a mão; os japões, homens e mulheres, desde crianças comem com dois paus.” (p.65). O número de dedos com que se pegava a comida identificava a classe social. Em Portugal, os mais nobres apanhavam o alimento com três dedos da mão direita (polegar, indicador e médio) e atiravam-no para dentro da boca. A plebe usava a mão completa.

No século XVI, os utensílios usados à mesa eram em número limitado: à esquerda, o pão; à direita, o copo e a faca. O garfo tinha apenas a função de tirar a comida do prato comum. O guardanapo aparecera, mas o seu uso não era obrigatório. A sopa também era geralmente bebida de uma tigela comum ou de conchas utilizadas por várias pessoas.

Curtos ou compridos, quadrados ou redondos, de ponta mais redonda ou afiada, os pauzinhos (*hashi*) são primeiro conhecidos dos portugueses logo no século XVI. Eram usualmente feitos de madeira, bambu, marfim ou metal. O par é tradicionalmente manuseado com a mão direita (embora atualmente seja aceitável manuseá-lo com a mão esquerda), entre o dedo polegar e os dedos anelar, médio e indicador, e serve para apanhar pedaços de comida ou empurrá-los diretamente da tigela para a boca.



Conclusão

Procurou-se com este trabalho responder à pergunta-chave “**Europa e Japão: separados pelas suas idiossincrasias?**” através dos retratos comparativos elaborados pelo missionário português Luís Fróis de civilizações culturalmente opostas.

Lendo e dissecando o *Tratado*, entende-se uma preocupação do cronista em relatar objetiva e imparcialmente os traços fisionómicos, os costumes e os hábitos japoneses relativamente aos europeus.

A obra em análise tinha como objetivo primeiro ser um manual de antropologia para os missionários recém-chegados ao Japão, de forma a facilitar a sua integração sem chocar os nativos com atos evitáveis e a preparar os jesuítas para aceitar costumes distintos dos seus.

Fontes Secundárias

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Fr%C3%A9s
<https://www.otakupt.com/japao/luis-frois-o-primeiro-cronista-europeu-do-japao/>
<http://embajadadeportugal.jp/pt/cultural/personalidades-historicas/luis-frois/>
<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-os-orientais-tem-os-olhos-puxados/>
<https://www.japaoemfoco.com/voce-sabe-o-que-sao-olhos-sanpaku/>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Katana>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Eras do Jap%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Eras_do_Jap%C3%A3o)
https://pt.wikipedia.org/wiki/Per%C3%ADodo_Azuchi-Momoyama
<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/43310/1/O%20outro%20civilizacional%20o%20Japa%CC%83o%20do%20se%CC%81culo%20XVI%20visto%20pelos%20olhos%20de%20um%20jesui%CC%81ta%20portugue%CC%82s.pdf>
http://repositorio.ulushiada.pt/bitstream/11067/904/1/dh_helena_resende_tese.pdf
https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/17093/1/phd_maria_rodrigues_baptista.pdf
[https://www.infopedia.pt/\\$budismo-no-japao](https://www.infopedia.pt/$budismo-no-japao)
<https://www.japaoemfoco.com/funeral-e-cerimonia-de-cremacao-no-japao/>
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o no Jap%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_no_Jap%C3%A3o)
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13642.pdf>
<https://kyotokimono-rental.com/en/column/types-of-wedding-kimono.html>
<https://ensina.rtp.pt/artigo/francisco-xavier-chega-ao-japao/>
<http://dererummundi.blogspot.com/2017/01/portugueses-no-japao.html>
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15878/1/2016_AngelicaVersianiCunha_tcc.pdf
<http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/livropub/gilvicente02.html>
<https://www.significados.com.br/cor-branca/>
<https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/kimono>
<https://paulolopesblog.wordpress.com/literatura-japonesa-medieval-periodo-muromachi-%E5%AE%A4%E7%94%BA%E6%99%82%E4%BB%A3/>
<https://pt.dreamstime.com/as-perucas-compram-na-parte-velha-de-shanghai-china-image100380576>
<https://www.nippo.com.br/especial/n093.php>
<https://pt.qaz.wiki/wiki/Tsunokakushi>
https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/1_PI_Cap9.pdf/b312f09c-0695-4063-ae69-ea7735ada45f
<https://ptanime.com/intercambio-culturas-japao-portugal-unificadores/>
<http://www.fcsh.unl.pt/devp/dictionary/tratado-das-contradicoes-e-diferencias-de-costumes-entre-a-europa-e-o-japao-luis-frois/>
<https://arteantiga2014.blogs.sapo.pt/quimonos-japoneses-3011>
<http://www.clickideia.com.br/portal/conteudos/c/38/20458>
<https://brainly.com.br/tarefa/13237199>
<https://origemdascoisas.com/a-origem-do-garfo/>
<https://historiamilitaronline.com.br/index.php/2020/07/22/o-mito-do-samurai/>
<https://www.revistamacau.com/2013/08/14/fai-chi-pauzinhos/>
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashi>

Glossário

Bonzo [jap. *bozu*], termo que designa os religiosos budistas.

Borra, desperdícios de seda que sobram da fiação.

Beatilha, touca de pano branco.

Catana [jap. *katana*], produzido durante o Período Muromachi (1392–1573) até ao presente.

Congregação, instituto ou ordem religiosa.

Conteira, peça de metal com que se reforça a ponta da bainha das espadas.

Danna, palavra japonesa que significa mestre, patrão ou protetor, referindo-se aqui aos devotos de uma determinada seita.

Dharma, no budismo, a doutrina de Buda.

Escarlata, tecido escarlata, ou de cor vermelha.

Maçã, parte terminal da espada que fixa o espigão da folha.

Mahāyāna, termo classificatório utilizado no budismo que se pode referir a um nível de prática e motivação espiritual, mais especificamente ao *Bodhisattvayana*.

Mandala, diagrama, geralmente circular, composto por formas geométricas concêntricas, que pretende ser uma representação do universo e das forças que o regulam e que é utilizado como ponto focal e instrumento de apoio à meditação no budismo.

Mongolóides, grupo biológico da espécie humana ao qual pertencem quase todos os orientais.

Quimono, [jap. *kimono*], túnica comprida, de trespasso e mangas largas, que se aperta com um cinto.

Samurai, antigo guerreiro japonês, especialista na arte do sabre, seguidor de um estrito código de honra e servidor de um senhor feudal.

Shingon, uma das maiores escolas budistas japonesas e um dos ramos do budismo Vajrayana juntamente com o budismo tibetano. É geralmente chamado de “budismo esotérico japonês”.

Shinto, espiritualidade tradicional do Japão e dos japoneses, considerado também uma religião pelos estudiosos ocidentais.

Tsunokakushi, pedaço de pano retangular feito de seda branca, usado nas cerimónias de casamento xintoístas no Japão.

Vataboxi [jap. *wataboshi*], véu de seda muito fino, usado para cobrir a cabeça.

Volante, tecido transparente usado para véus.